

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA DO SOCORRO LEAL MARQUES

**A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NO DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO E EXPRESSIVO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Parintins
2022

MARIA DO SOCORRO LEAL MARQUES

**A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NO DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO E EXPRESSIVO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas
apresentado como exigência parcial para obtenção do grau
de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Ângela Maria R. de Figueredo

Parintins
2022

MARIA DO SOCORRO LEAL MARQUES

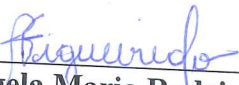
**A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NO DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO E EXPRESSIVO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência parcial
para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.


Orientadora: Dra^a. Ângela Maria R. de Figueiredo

Aprovado em: 26/05/2022


BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo
(Presidente) Universidade do Estado do Amazonas



Prof.^a Dra. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos
(Membro) Universidade do Estado do Amazonas



Prof.^a Ms. Francisca Keila de Freitas Amoêdo
(Membro) Universidade do Estado do Amazonas

DEDICATÓRIA

*Á minha mãe Maria Leal (in memoriam) que
se encontra na glória do Senhor, meu esposo
Daniel Teixeira, meus filhos Daniel Filho e Alísia
Maria que foram minha motivação para chegar
até aqui.*

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus pelo seu infinito amor e por me dar sabedoria para construir esse Trabalho de Conclusão de Curso;

À minha orientadora Dr.^a Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo por sua incansável contribuição que certamente não servirá somente para este momento, mas para a minha caminhada como profissional da educação;

A todos os professores pelos ensinamentos, em especial ao professor Msc. Renner Dutra (in memoriam) que partiu para junto de Deus deixando ensinamentos que servirão para a vida inteira;

À minha saudosa mãe Maria Leal Marques (in memoriam) que sempre foi meu escudo e que certamente estaria numa euforia com a chegada deste momento;

Ao meu esposo Daniel Nascimento Teixeira que foi a pessoa que me deu todo suporte e possibilidades para passar por todo o processo de aprendizagem na Universidade;

Aos meus filhos Daniel Nascimento Teixeira Filho e Alísia Maria Marques Teixeira que sempre foram minha motivação para chegar até aqui;

Aos colegas pelos momentos de conversa, de troca de aprendizagens e companhia.

*“A infância é o tempo de maior
criatividade na vida de um ser humano”.*

(Jean Piaget)

RESUMO

O presente estudo tem como tema “A importância do desenho no desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças na Educação Infantil.” Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, do Curso de Licenciatura em Pedagogia no qual apresentamos os resultados de uma análise interpretativa de desenhos de crianças, a fim de refletir acerca da importância do desenho no desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças na Educação Infantil. O estudo foi realizado com Crianças Pequenas (4 e 5) considerando seus desenhos como fonte de informação importante para a compreensão de seu desenvolvimento cognitivo e expressivo. Para isso foi feito um levantamento bibliográfico tomando como base os estudos de Piaget (1971-1983-1989) e Vygotsky (1991-1993), e assim conhecermos as diferentes perspectivas teóricas sobre o processo evolutivo do desenho. Os procedimentos metodológicos adotados foram de cunho qualitativo, interpretativista relacionando-os com a abordagem fenomenológica no intuito de compreender o pensamento da criança expresso nos desenhos que se faz a partir de suas vivências. Nossas análises reafirmam que os desenhos são ferramentas psicopedagógicas importantes para que o professor reconheça e acompanhe o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, expressivos e culturais das crianças, como condição para uma intervenção mais assertiva.

Palavras chave: Criança; desenho; desenvolvimento cognitivo e expressivo.

ABSTRACT

Abstract: The present study has as its theme "The importance of drawing in the cognitive and expressive development of children in Early Childhood Education." This is a Course Completion Work at the Universidade do Estado do Amazonas - UEA, of the Degree in Pedagogy, in which we present the results of an interpretative analysis of children's drawings, in order to reflect on the importance of drawing in the development cognitive and expressive behavior of children in Early Childhood Education. The study was carried out with Young Children (4 and 5) considering their drawings as an important source of information for understanding their cognitive and expressive development. For this, a bibliographic survey was carried out based on the studies of Piaget (1973-1983-1989) and Vygotsky (1991-1993), in order to know the different theoretical perspectives on the evolutionary process of drawing. The methodological procedures adopted were of a qualitative, interpretive nature, relating them to the phenomenological approach in order to understand the child's thinking expressed in the drawings that are made from their experiences. Our analyzes reaffirm that drawings are important psychopedagogical tools for the teacher to recognize and monitor the development of children's cognitive, expressive and cultural aspects, as a condition for a more assertive intervention.

Keywords: Child; drawing; development cognitive and expressive.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I _REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 A Importância do Desenho Infantil	12
1.2 O Desenho como Meio de Desenvolvimento Cognitivo e Expressivo da Criança	126
1.2.2 As Etapas do Desenho Infantil Segundo Piaget.....	18
1.2.3 As Etapas do Desenho Infantil Segundo Vygotsky	20
1.2.3 As Etapas do Desenho Infantil Segundo Luquet.....	22
1.3 As Crianças na Educação Infantil.....	24
CAPÍTULO II _ PERCURSO METODOLÓGICO	28
2.1 Natureza do Estudo	28
2.2 Método de Abordagem	27
2.3 Participantes da Pesquisa	29
2.4 A Escola de Educação Infantil	29
2.5 A Pesquisa na Escola.....	29
CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	33
3.1 As Rodas de Conversa e as Entrevistas.....	33
3.2 Os Desenhos das Crianças	33
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

O desenho na Educação Infantil é uma atividade que faz parte do cotidiano das crianças. Desde seu ingresso na pré-escola, ela é incentivada a desenhar, a pintar e essa atividade passa a ser uma das mais importantes em seu percurso escolar, inclusive seus registros têm como finalidade “prestar conta” aos pais e familiares das ações do professor em sala de aula. É comum ver esses desenhos compondo os portfólios nos finais de período letivo e sendo entregues aos pais e familiares.

Diante de buscar refletir sobre a importância do desenho para o desenvolvimento cognitivo e expressivo da criança, tomamos como base Piaget (1983) e Vygotsky (1993), embora outros teóricos tenham também nos dado suporte como é o caso de Luquet (1996) e Wallon (1995) acerca da afetividade no desenvolvimento da criança, nossas análises e interpretações estão ancoradas nos dois primeiros autores, pois cada um a seu modo aborda o ato de desenhar como um caminho importante para a linguagem verbal e escrita da criança, pois ao desenhar, a criança representa não apenas o que vê, mas como ela percebe o mundo, ou seja, o desenho é mais que uma representação do que ela vê, é, sem dúvida, uma reelaboração do mundo das ideias, um evento conceitual.

O desenho da criança expressa conhecimentos fundamentais sobre seu processo de aprendizagem, envolve o reconhecimento de suas capacidades cognitivas e expressivas, demonstra suas percepções de mundo, sua compreensão do sistema de representação simbólica, essencial para a aprendizagem da escrita, ou seja, outra forma de expressão.

Compreendendo que o desenho da criança é instrumento que deve ser pensado, analisado e não apenas apresentado como atividade com fim em si mesma e, somente ao final de um período letivo, buscamos por meio deste texto, refletir sobre a importância do desenho como forma de desenvolvimento cognitivo e expressivo de crianças na Educação Infantil.

Para atingir essa finalidade estruturamos a seguinte questão que serviu de norte para nossos propósitos: **Qual a importância do desenho como forma de desenvolvimento cognitivo e expressivo de crianças na Educação Infantil?** Diante dessa necessidade, selecionamos como contexto da pesquisa um Centro Educacional Infantil na cidade de Parintins -Am. A partir desse contexto estabelecemos como sujeitos da pesquisa 22 (vinte e duas) crianças em de uma turma de II Período, cuja nomenclatura oficial é Crianças Pequenas com idade de 04 e 05 anos, segundo a Base Nacional Curricular. Visando atingir o objetivo principal deste estudo que foi refletir sobre a importância dos desenhos das crianças da Educação Infantil,

selecionamos apenas 06 (seis) desenhos do universo de 64 (sessenta e quatro) desenhos coletados, dadas as circunstâncias e os objetivos que limitaram este trabalho e o critério de legibilidade. Considerando-os como fonte de informações para o desenvolvimento cognitivo e expressivo, construímos objetivos específicos: a) Conhecer as diferentes perspectivas teóricas sobre o processo evolutivo do desenho como instrumento expressivo e cognitivo das crianças do II período na Educação Infantil; b) Interpretar os desenhos das crianças do II período na Educação Infantil, identificando os aspectos de seu desenvolvimento cognitivo e expressivo; c) Analisar a importância do desenho como instrumento de ensino e aprendizagem no contexto da educação Infantil.

O percurso metodológico foi dado pela pesquisa qualitativa e por meio de um olhar interpretativo fornecido pela fenomenologia. Estas escolhas se deram em razão do objeto de estudo: o desenho infantil. Nesse sentido, o caminho escolhido para analisar e interpretar os desenhos, foi necessário coletar dados diretamente com os sujeitos. Assim, os desenhos das crianças foram gerados no contexto da pesquisa e se pautaram em orientações propostas de desenho livre e desenho com o mesmo tema para todos.

Estes materiais de pesquisa foram suficientes para a análise realizada a partir de um olhar triangular, que nos permitiu comparar dados (desenhos) construídos com diferentes olhares, seja os dos teóricos que são autoridades científicas no assunto, as declarações das crianças e as nossas percepções acerca do objeto.

A apresentação dos resultados está organizada neste documento da seguinte forma: **Capítulo I_ Referencial Teórico**, onde são abordados os principais conceitos acerca do tema. Cada seção é, na verdade, um diálogo com os autores para aprofundamento de conceitos sobre o desenho, a criança, o processo evolutivo, a aprendizagem e a educação infantil. O **Capítulo II_ Percurso Metodológico**, traz detalhes sobre a metodologia, particularmente sobre o método utilizado para abordar o objeto de estudo, a forma como nos aproximamos do contexto e dos sujeitos, além do detalhamento acerca dos procedimentos e instrumentos utilizados. Além de detalhar a forma como os desenhos foram coletados, as entrevistas com os professores e as rodas de conversa com as crianças.

No **Capítulo III_ Análise dos resultados**, aqui apresentamos as nossas reflexões entrecruzadas com o que dizem os teóricos sobre o tema, trata-se de um “entrecruzar” de informações sobre o desenho coletado, as perspectivas teóricas que as fundamentam e nosso olhar. Nessa análise que chamamos de interpretativa dos desenhos, à luz desse paradigma, trazemos os significados das ações e representações dos sujeitos, num movimento fenomenológico cujas informações o professor deu nas entrevistas, também aquilo que você

percebeu da fala dele. Sempre conduzindo para o desenho e a importância de se conhecer seus aspectos para compreender o desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças.

A escola de Educação Infantil como a principal intermediadora da aprendizagem das crianças, uma vez que é nela que as crianças exercem com mais veracidade o ato de desenhar. Os professores, por sua vez, precisam ser conhecedores da importância do desenho infantil para as crianças.

Por meio deste estudo, foi possível identificar os desenhos das crianças como uma potente fonte de informação acerca de suas formas de pensar e de representar o mundo, ou seja, seu pensamento e linguagem. Levamos em consideração as singularidades e subjetividades das crianças no que diz respeito à faixa etária, mas também os significados atribuídos e declarados por elas em cada desenho.

Foi possível refletir também sobre a importância que o professor na educação Infantil tem ao conhecer e compreender esse processo, não apenas a partir do ponto de vista psicopedagógico, mas reconhecer que cada criança é um universo de subjetividades e que ao desenhar ela está a expressar sua forma de pensamento e representações de suas vivências e experiências. Esse conhecimento, se bem aproveitado pelo professor, pode se constituir em ponto de partida para ampliar a aprendizagem das crianças, especialmente as diferentes linguagens e formas de expressão, seja por meio do desenho, da fala ou por meio da escrita.

Portanto, os desenhos apresentados pelas crianças, cada um com uma gama de informações e vivências, se mostram como uma representação de seu desenvolvimento cognitivo e expressivo, estes elementos se bem fundamentados, nos ajudam a refletir sobre o fenômeno do desenvolvimento cognitivo e expressivo da criança, o qual se faz tão preciso para ajuda-las em seu desenvolvimento. Dessa forma, cabe ao professor que atua nessa etapa de ensino, se apropriar cada vez mais de conhecimentos que fundamentem sua prática, é preciso “treinar” o seu olhar para identificar as potencialidades cognitivas expressas em seus desenhos, o ato de desenhar vai além do “passatempo”, desenhar pode ser fonte de acompanhamento e intervenção por parte do professor, visando a aprendizagem das crianças de forma plena.

CAPÍTULO I _REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A Importância do Desenho Infantil

Desde os primórdios, o desenho foi a primeira forma com a qual os homens das cavernas se comunicavam, expressavam suas ideias através dos desenhos nas paredes. Não há como ter certeza acerca de suas intenções ou motivos pelos quais os homens pré-históricos desenhavam, porém, o mais provável é que por trás de cada desenho existisse um esforço para “representar”, seja a realidade ou elementos mágicos, a fim de “comunicar” ideias ou sentimentos. Tudo o que sabemos sobre os desenhos nas cavernas é com base nas interpretações que os pesquisadores fazem, e isso dizia muito sobre eles, seja sobre seus afazeres cotidianos (caçadas realizadas ou seu desejo de caçar) ou elementos abstratos, ritualísticos.

Assim como a pré-história os desenhos feitos nas paredes das cavernas surgiram mesmo antes que a linguagem verbal surgisse, ou seja, assim como o desenho rupestre é precursor da linguagem, da mesma forma o desenho da criança é precursor da escrita e se manifesta como forma de expressão muito antes da fala. Ao contrário do que muitos pensam, o desenho da criança não é apenas uma forma de entretenimento, é na verdade uma fonte de informações para o desenvolvimento cognitivo e expressivo.

A importância de desenhar vai muito além do entretenimento, pois as representações gráficas das crianças são, antes de tudo, a expressão do mundo. Segundo Andrade (2005, p. 27):

O desenho infantil exprime a afetividade antes mesmo do conhecimento, é para a criança uma expressão de mundo. O desenho representa sua relação com o outro, com o meio, tem uma realidade própria, um ato de significar o que se apresenta à sua percepção. O desenho nesse sentido, pode, também, exprimir todos os conflitos pessoais das crianças.

Ao desenhar, a criança tenta exteriorizar seu conhecimento de mundo através de sua espontaneidade por meio do desenho, que nada mais é do que suas próprias vivências, suas observações que estão ao seu redor, seus conflitos pessoais. Essa espontaneidade que o desenho traz faz com que elas não se preocupem com as normas gráficas ou com a opinião de outras pessoas, apenas expressem seus pensamentos, emoções, desejos, conflitos etc., tudo isso se torna um universo de significados para as crianças onde um pontinho pode representar algo grandioso que vai muito além da própria percepção do adulto. Para Derdyk (1994, p. 63),

O desenho é brincadeira, é experimentação, é vivência. O desenho para a criança, “dona da brincadeira”, é o grande palco de seu universo íntimo. A

criança desempenha todas as personagens, inventando regras que ela mesma se encarrega de subverter.

Para as crianças, o desenho possibilita a criação de seus personagens, serem protagonistas da história contada por elas, sem que as pessoas interfiram em sua imaginação. Um rabisco qualquer pode significar muitas coisas embora na percepção do adulto não passe de um simples rabisco, é importante sempre estimular a criança a desenhar e nunca menosprezar seus desenhos para que não perca esse prazer que é tão natural quanto o ato de falar. Desenhar é exteriorizar a personalidade da criança, uma vez que é construída através de suas observações onde ela expressa através do desenho as representações advindas do ambiente e isso faz com que elas interiorizem as ações positivas ou negativas expondo isso no papel.

A forma com que a criança é tratada em casa é um fator que pode gerar estímulos ou pode reprimi-las, o desenho é uma expressão também do convívio com os familiares, ainda mais quando a criança recebe bastante atenção, isso pode emergir um sentimento de valor ou o contrário, a falta de auto estima pode levar a não dar mais tanta importância em expor seus sentimentos por meio do desenho (MELO, 2016). Pillar (2012, p. 44) fala que “[...] o sujeito é modelado pelo meio, de fora para dentro, ou seja, que o conhecimento se imprime nele, através de hábitos adquiridos, sem nenhuma atividade organizadora por parte desse sujeito”, tudo o que a criança externaliza através do desenho é fruto do seu meio, ela está em constante construção, sua personalidade vai se moldando conforme as observações feitas do ambiente e isso se apresenta em seus desenhos.

Além disso, quando a criança se recusa a desenhar ou perde o prazer pelo desenho, fatores podem ter influenciado para isso, como por exemplo, um adulto possa ter tentado ensinar a criança a desenhar levando-a a pensar ser incapaz de fazê-lo igual ou semelhante ao seu, ou mesmo a falta de motivação para que possa expressar-se, assim como temas que geram desinteresse na criança também pode levar à falta de prazer pelo desenho (PEREIRA, 2016). Por isso o educador precisa estar sempre atento a essas situações que podem passar despercebidas gerando a falta de entendimento ou compreensão no momento da análise da expressão do desenho da criança.

A relação afetiva em sala de aula entre professor e aluno deve ser cultivada com sentimento positivos, diz Wallon (1995), pois as crianças sentem quando bem tratadas ou de forma desigual e isso pode gerar um sentimento de desgosto ou opressão no momento da atividades. Por isso toda ação educacional precisa de um objetivo a ser traçado juntamente com um clima de igualdade de expressão, assim como o desenho da criança na qual expressa conhecimentos fundamentais sobre seu processo de aprendizagem, envolve o reconhecimento

de suas capacidades cognitivas e expressivas, demonstra suas percepções de mundo, sua compreensão do sistema de representação simbólica, essencial para a aprendizagem da escrita, fatores estes que não devem ser levado como uma forma de entretenimento, pois é possível sim acompanhar o desenvolvimento expressivo e cognitivo da criança através do desenho.

O desenho antecede à escrita, antes mesmo de escrever a criança desenha as letras, isso é um processo muito importante para a alfabetização. Através do desenho a criança descreve seu pensamento, faz uma narrativa dos objetos,

O desenho antecede, organiza e estrutura o pensamento narrativo. Serve como ponte (zona proximal) entre o desenvolvimento real e o potencial, ou seja, serve como auxiliar de significação do texto verbal e escrito num primeiro momento de aprendizagem da língua escrita (FASSINA, 2007, p.3).

O desenho infantil possui um potencial muito grande para o desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças, não deve ser menosprezado, através dele a criança tem a possibilidade de expressar-se e desenvolve-se de forma plena. É também uma ponte de acesso de sua subjetividade, de seus pensamentos, os quais os educadores precisam ter o conhecimento, a compreensão e saber interpreta-los de forma que possa contribuir com o desenvolvimento cognitivo e expressivo de cada criança para que suas potencialidades sejam desenvolvidas.

Alguns teóricos perceberam a relação do desenho com o desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças. Entre eles está Piaget, que aborda o ato de desenhar como um caminho importante para a linguagem verbal e escrita da criança, pois ao desenhar, a criança representa não apenas o que vê, mas como ela percebe o mundo, ou seja, o desenho é mais que uma representação do que ela vê, é, sem dúvida, uma reelaboração do mundo das ideias, um evento conceitual.

Piaget percebe que o pensamento da criança por natureza é egocêntrico, no qual é um fator que leva a discutir sua teoria, pois a criança quando começa a se expressar tende a voltar toda a sua atenção para ela própria como se não houvesse outro ser à sua volta, assim no desenho, a criança exterioriza um pensamento que é dela própria como forma de conceitos, da sua subjetividade, por isso é tão importante saber interpreta-lo para não tirar conclusões precipitadas acerca do desenho da criança (PIAGET, 1989).

A partir do momento em que a criança desenvolve um pensamento socializado é que as experiências farão sentido, pois “o desejo de trabalhar com o outro começa a se manifestar” (PIAGET, 1989).

Consideramos que o desenvolvimento total segue a seguinte evolução: a função primordial da linguagem, tanto nas crianças como nos adultos, é a

comunicação, o contato social. Por conseguinte, a fala mais primitiva das crianças é uma fala essencialmente social (PIAGET, 1989).

Apesar da criança ter uma fala egocêntrica, nada mais é do que transformar um pensamento social interiorizado por ela, com isso, o jogo simbólico faz a criança manifestar suas representações através do desenho, seu processo de esquema mental advém de tudo aquilo que consegue assimilar através do meio. Aquilo que não está à vista da criança não se transforma em representação, ou seja, a criança não consegue desenhar o que não passou por sua visão, pois na teoria de Piaget existem fatores sociais e biológicos, levando em consideração a maturação do indivíduo para que ele possa se desenvolver.

Para Vygotsky (1991), o desenho é um estágio preliminar do desenvolvimento da linguagem, uma vez que quando a criança desenha é porque ela já consegue estruturar um significado das imagens mentais em sua mente e através da fala significante consegue expressar essas imagens psíquicas em desenho que para elas chega a ser a fala não verbal do pensamento com uma série de significações. Para Vygotsky (1993), o ser humano precisa da interação social para desenvolver as imagens psíquicas que nada mais é do que as representações que junto com a linguagem formam uma união, como ele cita a seguir,

O significado das palavras só é um fenômeno do pensamento na medida em que é encarnado pela fala e só é um fenômeno linguístico na medida em que se encontra ligado com o pensamento e por este é iluminado. É um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significante – uma união do pensamento e da linguagem (VIGOTSKY, 1993).

O pensamento e a linguagem da criança estão muito ligados com o que ela consegue representar no papel, uma vez que Galvão (2011, p. 11) aponta que, “o desenvolvimento é visto como um processo de interação entre a criança e as relações com o meio em que está inserida”. Através do meio, a criança vai dando significações para os mais diversos objetos e coisas que ela consegue perceber, as associações do objeto com as palavras produzem esquemas em sua mente e a leva a formar os significados. A criança só consegue desenhar pelo fato de existir significados em suas representações do pensamento.

Vygotsky (1991) em sua teoria construtivista percebe que o desenvolvimento da criança depende da relação com o meio em que vive como se fosse uma troca de experiência, o meio oferece as observações e a criança a experiência. Diferente da teoria de Piaget (1971), que observa o desenvolvimento da criança a partir de fatores de maturação biológica no qual o aprendizado está relacionado a tudo o que a criança consegue realizar sozinha a partir de sua

evolução levando em conta seus estágios. São duas teorias distintas, mas com algo em comum, o meio. A criança precisa do meio para se desenvolver e adquirir o aprendizado que nada mais é o equilíbrio entre assimilação e acomodação.

1.2 O Desenho como Meio de Desenvolvimento Cognitivo e Expressivo da Criança

A criança, dia após dia passa por um processo de desenvolvimento e aprendizagem, está sempre em construção de seus conhecimentos, observa, tenta reproduzir, o meio é o principal aliado para concretizar as imagens mentais em tudo que ela vê em volta de si mesma. Por meio de seu processo de assimilação, a visão é um fator primordial para que a criança produza esquemas em sua mente e com isso possa assimilar objetos a sua volta, ainda mais quando se trata de uma necessidade. Com a ajuda de seu aparelho motor em constante evolução pode realizar ações para ir em busca do objeto percebido “assim, qualquer coisa que se refira a uma necessidade do organismo transforma-se em matéria a assimilar (PIAGET *APUD* BECKER, 2011, p. 52)”.

A assimilação do mundo em volta da criança possibilita a construção de seus esquemas mentais, quanto mais objetos a serem percebidos, mais esquemas mentais a serem desenvolvidos, o cérebro por sua vez tende a gerar mais conexões neuróticas para armazenar todas as informações que são tão importantes no processo de desenvolvimento expressivo e cognitivo e isso implicará no processo de aprendizagem da criança como forma de equilibrar seus pensamentos e ações.

O desenvolvimento cognitivo e expressivo possui uma inter-relação com o desenho que a criança faz, uma vez que pensamento e a fala estão em um determinado momento unificados e ela precisa estar em constante interação com os objetos percebidos, pois o pensamento emana das representações e a fala por sua vez surge do significado que consegue construir em seu pensamento.

O corpo em si responde durante essas interações, a criança ao desenhar transfere para o papel suas representatividades com a ajuda do corpo, da mente onde surgem suas emoções, desejos, tentam expressar seus diversos sentimentos. O corpo trabalha em contexto complexo, onde o cérebro organiza as informações junto com o restante do corpo.

O desenho é por isso uma função do desenvolvimento das suas capacidades neuromotoras (movimentos da ação de desenhar), cognitivas (criatividade e raciocínio lógico), das dimensões emocionais e sentimentais (expressão artística) e socioculturais (materiais que pode utilizar e relacionamentos sociais) (PEREIRA, 2016, pg. 09).

O desenho além de desenvolver o cognitivo e expressivo das crianças, contribui com as capacidades neuromotoras, uma vez que através de imagens simbólicas a criança tenta representá-las com movimentos que faz com a mão, conseqüentemente utilizando o dedo e percebendo seus movimentos, com meio de um instrumento, como o lápis, caneta, giz de cera, entre outros, a criança retorna como imagens mentais ao cérebro aquele que foi, inicialmente, seu movimento físico.

A criança realiza movimentos semelhantes várias vezes, vendo, inclusive o resultado no papel ou na maioria das vezes a parede é a sua principal aliada nesse processo (LIMA e LIMA, 2018). A criança, ao começar a desenhar consegue reproduzir seus gestos, são estes que são formados no papel, cria um modelo mental do movimento, como que um “mapa”. Seu aparelho motor balança para um lado, vira para outro, sobe e desce criando assim uma série de desenhos que para ela representa algo. Com o passar do tempo a criança aprende a controlar seus movimentos, aprende a utilizar seus membros superiores e percebe que pode controlar seus desenhos, é a partir daí que os desenhos vão criando forma, este é o princípio para aprender a escrever: formar mapas mentais de cada coisa observada.

Vygotsky (1991) complementa que, o desenvolvimento do desenho para a criança tem como base o domínio do ato motor e a fala. O aparelho motor faz com que a criança gesticule o corpo e o lápis registra esse mesmo gesto num papel, em seguida, entende que pode desenhar outra coisa. Relativamente à fala, inicialmente a criança necessita de ver o desenho antes de o identificar, contudo, à medida que vai crescendo, a criança vai verbalizar o objeto que pretende desenhar, ou seja, pretende simbolizar algo. A motricidade fina aparecera na criança a partir do momento que ela sabe o que vai simbolizar e tenta usar apenas seus membros superiores para realizar a ação.

Aprender a controlar o corpo ao desenhar, é um processo de desenvolvimento da inteligência, cada vez que a criança vai descobrindo algo novo suas conexões produzem funções semióticas “[...] que possibilita à criança representar objetos ou situações que estão fora do seu campo visual por meio de imagens mentais, de desenho, da linguagem, etc.” (PIAGET, 1982, pg. 231), por mais que a criança não esteja próxima de algo que possa gerar uma representação do objeto, esta função lhe ajudará a lembrar das imagens simbólicas formadas em sua mente. E isso vai ajudando a criança a desenvolver seus pensamentos, pois o desenho é algo que só depende do sujeito: ele desenha o que pensa, o que conhece e não o que vê. A expressão que a criança possui das coisas desenhadas emana de suas imagens mentais, por mais que ela não utilize

a fala no ato do desenho, mas seu pensamento está voltado para o significado que o desenho representa para ela.

Luquet (1996) afirma que quando a criança desenha, cria um modelo interno daquilo que possui dos objetos, ou seja, a criança possui “uma realidade psíquica”, um modelo do objeto que tenta reproduzir através do desenho no qual sempre foge de suas percepções quanto ao objeto em si. Por isso a importância do professor entender que não se pode desenhar para uma criança, uma vez que levará a pensar ser incapaz de reproduzir o mesmo desenho. Luquet foi um dos primeiros contribuintes ao desenvolver estudos acerca do desenho infantil e teve uma grande contribuição bastante significativa na teoria de Piaget com relação ao desenho infantil, embora algumas contradições com relação à representação mental do objeto e sua estruturação simbólica que veremos nos próximos subtópicos.

Diante dos estudos que deram origem a essas concepções sobre o desenho como desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças, vale destacar três teóricos que se propuseram a estudar para que houvesse entendimento das etapas do desenho infantil, são eles: Piaget, Vygotsky e Luquet.

1.2.2 As Etapas do Desenho Infantil Segundo Piaget

Piaget aborda em sua linha teórica quatro etapas do desenho infantil onde cabe aqui esclarecer que é a criança que se desenvolve em sua concepção, e não o desenho, pois este é um meio pelo qual a criança passa por estes estágios de desenvolvimento cognitivo e expressivo. Para ele, em sua concepção, aprendizado é tudo que a criança consegue desenvolver sozinha através de suas ações sendo manifestadas através de sua experiência com o meio, ele afirma que “a experiência como algo que se impõe por si mesma, sem que o sujeito tenha de organizá-la, isto é, como se ela fosse impressa diretamente no organismo sem que uma atividade do sujeito seja necessária à sua constituição” (PIAGET, 1982, p. 339). Ou seja, as linhas mentais do sujeito estão nele desde a vida orgânica e serve como um elemento de percepção que servirá para manifestar a inteligência através da interação com o meio.

Por outro lado, Piaget (1982), também afirma que a criança nasce com predisposições de inteligência que precisam ser desenvolvidas através de seu processo de maturação, ou seja, a inteligência advém desde sua vida orgânica e com o tempo vai se construindo. Por isso toda criança pode desenhar estruturação simbólica em um determinado momento, seja ela em processo de escolarização ou não. Com base nisso, ele apresenta os estágios que ajudarão a compreender o desenvolvimento cognitivo e expressivo da criança, são eles:

Primeiro estágio: sensório motor – garatuja: Neste estágio que compreende a idade de 0 a 2 anos e meio cujo desenho é a garatuja e que pode existir até meados dos 04 anos de idade. Nesta fase a criança não possui a preocupação com o significado do desenho, desenha pelo prazer de rabiscar e de perceber que os movimentos de seus membros produzem alguma coisa no papel. A criança começa a produzir garatuja desordenadas, pois ainda não consegue controlar seus gestos, “a primeira forma do desenho não parece imitativa e participa ainda de um jogo puro, porém de exercício: são as garatuja a que se entrega a criança de 2 anos a 2 anos e meio, quando lhe fornecem um lápis” (PIAGET e INHELDER, 1969).

Na garatuja ordenada a criança já consegue controlar seus membros superiores e sua gesticulação sobre o desenho, percebe que pode desenhar objetos mais circulares e longitudinais, percebe também que seus desenhos podem simbolizar algo, nesta fase as crianças já fazem a representação humana, do seu jeito é claro. A criança produz um esquema mental de determinado objeto, desenha através do que sua função semiótica revela sobre o objeto e suas estruturas mentais ajudam a produzir um uma representação, embora a criança tenha a intenção de desenhar algo, após o desenho pronto ela consegue fazer uma analogia deste com o objeto e quando percebe que o desenho não tem nada a ver com o objeto que desenhou logo muda a narrativa do desenho.

Segundo estágio: pré-operatório – pré-esquematismo: O segundo estágio que compreende dos 2 aos 4 anos podendo chegar até os 7 anos, é nesta fase que a criança percebe que pode relacionar desenho, pensamento e objeto. Já não desenha apenas por desenhar e nem um objeto qualquer, mas já consegue ter a intenção de representar algo, já consegue dar significações para seus desenhos. Embora a criança consiga relacionar o pensamento com o objeto no desenho, sua representação pode não significar aquilo que pretendeu colocar no papel, mas sua fala interna diz muito a respeito do seu desenho, bem como a expressão daquilo que desenhou (Pereira *APUD* Piaget, 2016).

Terceiro estágio: operatório concreto – esquematismo: Esta pode iniciar dos 4 aos 7 anos de idade podendo durar até os 10 anos. Nesta fase a criança já consegue produzir esquemas representativos das mais diversas categorias para suas representações, por exemplo: em um único desenho a criança consegue desenhar uma flor, um pássaro, uma pessoa, uma fruta, enfim, vários objetos justapostos em vários planos, cada um com suas devidas significações.

Nesta fase a criança percebe que pode colorir seus desenhos, embora a maioria das representações que elas possuem derivem de um conceito de como deve ser pintado o objeto,

como por exemplo “a árvore” onde o conceito que sempre é impregnado nas escolas é a cor marrom para o tronco e a cor verde para folhas, a percepção desses conceitos são esquemas mentais elaborados por elas através da visão, segundo Inhelder (1972) é nesse estágio do desenho da criança que apresenta, essencialmente, os atributos conceituais do modelo, sem perspectiva visual.

É no final desta fase que a criança representa o ser humano relativamente ao gênero onde é inculcado na sociedade a cor rosa para meninas e azul para meninos, isso as crianças representam em seus desenhos. Além de descobrirem a existência de plano e sobreposição dos objetos.

Quarto estágio: operatório formal- realismo: Nesta fase que compreende os 10 anos de idade em diante a criança recebe uma grande carga de informações sobre os objetos. É nesta fase que a criança vai perceber que existe um realismo nos objetos, uma profundidade, uma expressão, formas, a cor mais próxima do real, etc.; e isso tudo vai deixando de ser uma atividade espontânea para se tornar um fator mais trabalhoso para chegar o mais próximo da realidade observada, “os objetos passam, pois, a ser representados de acordo com essa nova construção, a perspectiva, os detalhes agora têm por finalidade particularizar as formas que antes eram genéricas” (PILLAR, 2012, p. 57). Dessa forma, a criança tenta trazer o mais próximo da realidade o objeto, aprimorando-o. Essa fase também pode representar a desistência pelo ato de desenhar quando a criança percebe que não consegue seguir uma estrutura da realidade que o objeto apresenta.

1.2.3 As Etapas do Desenho Infantil Segundo Vygotsky

Em sua linha teórica sobre as etapas do desenho, Vygotsky (1993) acredita que a aprendizagem se dá a partir da interação social, diferente da concepção de Piaget (1989), no qual o sujeito traz consigo desde sua vida orgânica predisposições de sua inteligência e vai estruturando-a a partir do meio. Ou seja, a criança precisa estar em constante interação com o objeto, estimular suas funções psíquicas para que consiga representar isso no papel. O desenvolvimento da criança se dá ao longo da vida por causa das relações entre os indivíduos como se fosse uma troca de experiências entre ambos e isso faz com que as funções psíquicas que nada mais é do que os instintos aflorados entre si sejam desenvolvidos com a ajuda da linguagem para o desenvolvimento cognitivo e expressivo da criança.

Para Vygotsky (1991), a criança aprende a fazer as coisas com a ajuda de uma intermediação, através de uma experiência observada, essas atividades que a criança consegue

realizar sozinha está dentro de sua zona de desenvolvimento real, são aprendizagens consolidadas, que em algum momento passaram pela experiência e já conseguem realizá-las. Quando a criança ainda não sabe realizar uma atividade sozinha, mas que é possível realizar com a ajuda de outras pessoas está relacionada a sua zona de desenvolvimento proximal na qual precisa de estímulos para emergirem,

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. Assim, a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação (VYGOTSKY, 2003. p. 113).

E quando a criança não consegue realizar uma determinada atividade, mesmo com a ajuda de outra pessoa, está fora da sua zona de desenvolvimento proximal. É importante os professores entenderem essa relação para poder ajudar seus alunos agindo na sua zona de desenvolvimento proximal, tornando-os em aprendizagens reais.

O desenho é um fator importante nesse processo, uma vez que quando a criança desenvolve a imaginação nada mais é do que partir para as representações que a interação social lhe propôs e reflete no individual da criança, pois ela desenha o que sabe do objeto, mas antes disso precisa ter um contato mais próximo dele (ALEXANDROFF, 2010). Essas etapas do desenho a seguir partem das concepções de Vygotsky (1993) com base no desenvolvimento da criança através do desenho.

Piaget (1982) aborda em sua linha teórica quatro etapas do desenho infantil onde cabe aqui esclarecer que é a criança que se desenvolve em sua concepção, e não o desenho, pois este é um meio pelo qual a criança passa por estes estágios de desenvolvimento cognitivo e expressivo. Para ele, em sua concepção, aprendizado é tudo que a criança consegue desenvolver sozinha através de suas ações sendo manifestadas através de sua experiência com o meio, ele afirma que “a experiência como algo que se impõe por si mesma, sem que o sujeito tenha de organizá-la, isto é, como se ela fosse impressa diretamente no organismo sem que uma atividade do sujeito seja necessária à sua constituição” (PIAGET, 1982, p. 339). Ou seja, as linhas mentais do sujeito estão nele desde a vida orgânica e serve como um elemento de percepção que servirá para manifestar a inteligência através da interação com o meio.

Etapa simbólica: Nesta etapa, a criança desenha “bonecos humanos” para simbolizar sua interação, como sua memória representa o outro. Nesta fase, a criança não se preocupa em representar imagens reais, apenas desenha de forma simbólica o que está incutido em sua memória.

Etapa simbólica formalista: Nesta etapa, a criança já consegue produzir traços e formas relativas aos conceitos dos desenhos, preocupa-se em desenhar as características mais próximas do objeto, aquilo que suas imagens simbólicas representam. A criança tenta estabelecer o maior número de relações com o objeto para chegar o mais próximo do real, porém ainda são desenhos simbólicos (ALEXANDROFF, 2010).

Etapa formalista veraz: Nesta fase, os objetos são representados graficamente de forma mais fiel ao objeto como significante do pensamento. A criança desenha de acordo com o que vê do objeto, sua particularidade e estruturas, tentando fazer uma cópia real (ALEXANDROFF, 2010).

Etapa formalista plástica: Nesta última fase, o desenho ganha um sentido, deixando de ser somente um ato de prazer e a frequência dos desenhos feitos pelas crianças diminuem significativamente, nessa etapa temos desenhos muito elaborado tendo profundidade e aspectos fidedignos a realidade (ALEXANDROFF, 2010).

1.2.3 As Etapas do Desenho Infantil Segundo Luquet

Luquet foi um dos primeiros pesquisadores a interessar-se pelo desenho da criança, foi um grande precursor de Piaget no qual possui algumas concepções de sua linha teórica semelhante às de Luquet. Ele percebe que as crianças tentam desenhar fazendo uma reprodução das informações que elas possuem do objeto “o desenho traçado no papel é a reprodução não da sensação ou da imagem visual do objeto representado, mas do modelo interno correspondente” (LUQUET, 1969, p.118). Em sua linha teórica, considera o desenvolvimento dos estágios a partir da intenção da criança em representar aquilo que está em seu modelo interno, ou seja, aquilo que ele conseguiu construir mentalmente a partir do que ele vê do objeto em si.

Nas etapas do desenho infantil de Luquet (1969), os desenhos se modificam por que o modelo mental da criança se desenvolve. São as etapas do desenho que ele apresenta como “realismos”, uma vez que a criança, para ele, em seus desenhos tenta fazer a realidade do objeto. Essas etapas são como uma evolução do modelo mental da criança sobre os objetos.

Realismo fortuito: Nesta etapa que é dividida em desenho involuntário e voluntário, a criança desenha não para fazer uma imagem, mas para fazer linhas, uma vez que neste estágio a criança ainda não tem consciência que essas linhas podem representar um objeto. Assim como na etapa das garatujas de Piaget (1989), a criança desenha apenas pelo prazer de riscar. Já no desenho voluntário, a criança “constata uma certa analogia entre alguns entre alguns de seus traçados e um objeto real, considera-o, então, como uma representação do objeto, e enuncia a interpretação que lhe dá” (LUQUET, 1969, p. 139).

Realismo fracassado ou incapacidade sintética: É nesse estágio que “a criança está preocupada exclusivamente em representar cada um dos objetos de forma diferenciada, por isso ela não integra num conjunto coerente os diferentes pormenores que desenha” (PILLAR, 2012, pg. 59). A criança começa a perceber que pode desenhar várias coisas em um espaço representativo, embora as projeções do objeto sejam sempre do mesmo tamanho não havendo relações topológicas.

Realismo intelectual: Nesta etapa, “a criança pretende, deliberadamente e sem dúvida conscientemente, reproduzir do objeto representado não só o que pode ver, mas tudo o que ‘ali existe’ e dar a cada um dos elementos a sua forma exemplar” (LUQUET, 1969, p. 212). A criança percebe que pode desenhar um cenário composto por vários objetos existentes tanto dentro como fora, por exemplo, uma casa pode conter uma transparência no que se refere aos objetos de dentro dela. Além, disso, a criança destaca detalhes que o objeto real possui, usa a planificação para desenhar seu cenário e procura mostrar os dois lados do objeto levando em conta seus elementos.

Realismo visual: Nesta última fase, a criança representa apenas os objetos visíveis, ao invés da transparência em representar os objetos dentro e fora, dá-se lugar à opacidade no desenho, “os objetos passam, pois, a ser representados de acordo com essa nova construção, a perspectiva, e os detalhes agora tem por finalidade particularizar as formas que antes eram genéricas” (PILLAR, 2012). Acontece um aprimoramento do desenho nesta fase, o se fazia na etapa do realismo intelectual, nesta, sofre uma evolução entre os elementos de estabilidade e de progresso, uma vez que que a criança apresenta uma conservação dos modelos internos em seu pensamento e uma evolução a partir eles.

Essas etapas do desenho oriundas dessas linhas teóricas apresentadas possuem uma relevância muito significativa para tentar compreender a criança e seu pensamento, visto que no Educação Infantil é importante compreendê-los para ajuda-las em seu desenvolvimento cognitivo e expressivo levando em consideração que são seres totalmente diferentes, com realidades e contextos diferentes e que precisam de um olhar mais específicos para cada uma

delas, compreendendo que o desenho da criança é instrumento que deve ser pensado, analisado e não apenas apresentado como atividade com fim em si mesma e, somente ao final de um período letivo.

1.3 As Crianças na Educação Infantil e o Desenho

A Educação Infantil é uma das fases mais importante da criança. É onde ela deixa o seio familiar para iniciar seu processo de interação social que a leva conhecer pessoas que até então eram desconhecidas, um novo ambiente e novas regras que muitas vezes fazem-na chorar pelo fato de ainda não conhecer este novo ambiente, mas logo aprendem que a escola é um lugar que só faz bem para ela.

Com o passar do tempo a criança vai adquirindo um sentimento de afetividade sentindo-se atraída pelas pessoas que a rodeiam como a professora e com os colegas, tornando essa sensibilidade como uma necessidade de estar próxima aos demais, inicia a partir daí seu processo de socialização na escola (Wallon, 1995). O desenvolvimento da afetividade no percurso escolar está em constante entrelaçamento com o desenvolvimento cognitivo, pois a criança percebe tudo que está acontecendo ao seu redor, inclusive na escola quando ela é bem tratada ou deixada de lado pela professora ou quando suas inquietações não são correspondidas isso pode gerar atitudes de insatisfação, pois o que faz com que a criança tenha motivação para ir todos os dias para a escola é a relação de afetividade que ela possui como um sentimento de emoção em estar ali junto aos demais colegas e professor.

A relação afetiva que estabelece a cada momento com cada acontecimento de seu universo predomina sobre o pensado e determina positiva ou negativamente as características que atribui aos objetos, pessoas ou situações com que lida. Embora saiba que as coisas, pessoas e acontecimentos têm uma individualidade estável, a compreensão que tem deles está diretamente relacionada a suas experiências emocionais (AMARAL, 2000, p. 51).

A escola de Educação Infantil não é só um espaço onde os pais precisam deixar a criança para se ausentarem, ao contrário, a criança inserida no contexto da Educação Infantil possui uma maior possibilidade de desenvolve-se cognitivamente e expressivamente através da sua interação com o outro e com o ambiente favorecendo a troca de experiências que ajudarão muito em seu desenvolvimento.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), a Educação Infantil até o ano de 1980 não era considerada como parte integrante da escolarização. Com a Constituição de 1988 determina-se ao Estado ofertar atendimento em creches às crianças com idade de 0-6,

tornando-se o dever do Estado, até então esse atendimento não fazia parte da educação básica. Com a consolidação da LDB em 2006, a Educação Infantil torna-se parte integrante da Educação Básica e adquire o mesmo valor que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

A partir desse momento, a Educação Infantil não é mais vista somente como um lugar de cuidados e atenção, mas como um lugar onde as crianças se desenvolvem, criam autonomia e tem mais sucesso em sua vida escolar. Ainda de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 37) “são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização”.

As crianças na Educação Infantil passam por um processo de socialização que é um fator que contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos: físico, psicológico, intelectual e social (BRASIL, 1996). Esse processo é relacionado a tudo que a criança consegue realizar através de suas experiências com o outro ou até mesmo quando consegue desenvolver com a ajuda da capacidade de assimilação e isso faz com que elas percebam a existência de um universo cheio de significados que podem ser descobertos com a ajuda do professor ou professora que por sua vez, pode criar um ambiente que favoreça o processo de aprendizagem da criança.

A escola de Educação Infantil como uma principal intermediadora da aprendizagem das crianças, uma vez que é nela que as crianças exercem com mais veracidade o ato de desenhar. Os professores por sua vez precisam ser conhecedores e reflitam sobre a importância do desenho infantil para as crianças, uma vez que é nesse sentido que as percepções que a criança possui são expostas ao desenhar desenvolvendo uma estrutura em forma de conceitos do mundo real. Essa imaginação criativa da criança vai se desenvolvendo e adquirindo no decorrer da Educação Infantil condições para que possa resolver as situações cotidianas.

E para que seja consolidada a aprendizagem da criança, os professores da Educação Infantil possuem um papel muito importante na construção do ser humano em seu desenvolvimento cognitivo, social, emocional, além da fala e da língua e das habilidades físicas e motoras. Sabe-se que as crianças chegam com uma carga bastante complexa do ambiente onde vivem e para acessá-las é preciso conhecer sua subjetividade, diz Merleau-Ponty (1994, p. 106),

Olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ela. Mas na medida em que também as vejo, elas permanecem moradas abertas ao olhar e, situando virtualmente nelas, percebo sob diferentes ângulos o objeto central da minha visão atual. Assim, cada objeto é o espelho de todos os outros.

Conhecer a criança é acessá-la, é observá-la, é percebê-la como um sujeito único e com suas próprias vivências. O professor por sua vez precisa criar meios para desenvolver a espontaneidade das crianças para conseguir compreender a percepção de mundo de cada uma.

É possível refletir também sobre a importância que o professor na educação Infantil tem ao conhecer e compreender esse processo, não apenas a partir do ponto de vista psicopedagógico, mas reconhecer que cada criança é um universo de subjetividades e que ao desenhar ela está a expressar sua forma de pensamento e representações de suas vivências e experiências. Esse conhecimento, se bem aproveitado pelo professor, pode se constituir em ponto de partida para ampliar a aprendizagem das crianças, especialmente as diferentes linguagens e formas de expressão seja por meio do desenho, da fala ou por meio da escrita.

Esses meios de desenvolver dentro da sala de aula a espontaneidade e a inteligência da criança pode vir de diversas formas, Merleau-Ponty (1984, p. 109) afirma que pode-se trabalhar criativamente a imaginação da criança através de parlendas, jogos, músicas para que elas em seguida possam desenhar os sentidos e os significados percebidos, uma vez que onde a visão pode ser alcançada pode também atingir todos os aspectos do ser.

O desenho é o principalmente intermediário da evolução criativa da criança, pois quando a criança desenha, conta sua narrativa baseado em suas percepções, por mais que o desenho não represente aquilo que ela está falando, mas a sua mente já consegue estruturar um pensamento. Dessa forma, o desenho sempre foi e sempre será a principal forma de representação do pensamento e, é na Educação Infantil que a criança começa a desenhar com mais frequência e se desenvolve por intermédio dele.

O desenho também é manifestação da inteligência. A criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade. O mundo para a criança é continuamente reinventado. Ela constrói suas hipóteses e desenvolve sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas "teorias" sob forma de atividades expressivas (DERDYK, 1994, p. 54.)

O professor precisa adequar seu trabalho para o desenvolvimento das expressões e percepções infantis, provendo meios para que a criança tenha possibilidades de se desenvolver. O papel da escola é dar oportunidades para que a criança possa ter a educação com possibilidades perceptivas, uma vez que a criança não procura representar a realidade, mas sim aquilo que ela não vê.

Por fim, a Educação Infantil é em seu seio "[...]o melhor lugar para a educação das crianças pequenas; pois aí se pode intencionalmente organizar as condições adequadas de vida

e educação para garantir a máxima apropriação das qualidades humanas”. (MELLO, 2007, p. 89). Dessa forma, a criança que frequenta a Educação Infantil desenvolve não só seus aspectos necessários, mas também como ser humano, uma vez que ao iniciar seu processo de escolarização, a criança carrega consigo uma série de comportamentos inadequados consigo e com o outro, que com o passar do tempo vão se moldando conforme sua necessidade de desenvolvimento e de socialização.

CAPÍTULO II_ PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Natureza do Estudo

O presente estudo foi desenvolvido em uma escola de Educação Infantil do Município de Parintins – Am., tendo como objetivo refletir acerca da importância dos desenhos das crianças da Educação Infantil, considerando-os como fonte de informações para o desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças.

Por se tratar de uma pesquisa que não requer dados numéricos, nem tampouco com variáveis relacionados ao desenho, sendo assim utilizamos a natureza de pesquisa qualitativa interpretativista uma vez que o ser humano é dotado de subjetividade, de pensamentos, de ações pelos quais o investigador precisa entender/interpretar o que faz sentido no íntimo do participante da pesquisa (AMADO, 2014 pg.12).

Nesse tipo de pesquisa o investigador tem interesse pelo processo da pesquisa cabendo a ele interpretar os dados coletados com base no processo observado, segundo BORTONI-RICARDO (2008), a compreensão e interpretação do observador será com base em seus significados, em tudo que estudou para poder compreender os fenômenos que irão abranger tornando-se assim um agente passivo na pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa qualitativa deste trabalho terá como paradigma o interpretativo na qual para compreender o desenho infantil será preciso conhecer o desenvolvimento cognitivo das crianças bem como interpretar as formas de expressão que elas irão relatar no decorrer da pesquisa.

2.2 Método de Abordagem

Cada criança possui um modo de ver mundo estruturado por suas construções mentais que se fundam a partir de sua imaginação e do contato com o meio. Isso faz com que elas desenvolvam um determinado pensamento do mundo através de experiências vividas e, o desenho nesta pesquisa é o fator mais importante para compreender as ações intencionais do desenho das crianças.

Por se tratar de um conjunto de subjetividades, pois um desenho é, em primeira instância uma expressão material e singular de seu modo de pensar e de expressar, o método de abordagem utilizado nesta pesquisa foi o fenomenológico, afinal a estamos interpretando um

fenômeno que não pode ser descrito a partir do que está aparente, ou seja, não se trata apenas de descrever aquilo que se mostra, mas o que é e como se mostra.

Refletir acerca do pensamento da criança é muito complexo, pois são construtos biológicos e culturais repletos de subjetividades e está relacionado às suas representações advindas de tudo aquilo que elas já tiveram contato com o mundo exterior. Conscientes de que compreender e interpretar esse processo evolutivo do desenho das crianças é uma tarefa que requer bastante atenção e convívio com os sujeitos para que seja feita uma interpretação condizente com o que a criança está a exteriorizar por meio do seu desenho, sem correremos o risco de antecipar o nosso próprio ponto de vista, mas refletir sobre o que elas pensam e o que querem expressar.

Como trata-se de refletir sobre os desenhos das crianças, buscando analisar seus pontos de vista e seu desenvolvimento cognitivo e expressivo, foi necessário um olhar interpretativo sobre as experiências simbólicas das crianças. Por isso nos valemos de uma postura interpretativa que nos conduzisse a significativos resultados para que pudéssemos compreender o percurso de seu desenvolvimento em relação aos aspectos cognitivos e expressivos.

O que queremos dizer não se mostra, fora de toda palavra, como pura significação. Não é senão o excesso do que vivemos sobre o que já foi dito. Encontramo-nos com nossos recursos de expressão numa situação à qual é sensível, confrontamo-lo a ela e nossos dizeres não são senão o balanço final desse intercâmbio. (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 175)

E para que fosse possível compreender esse desenvolvimento cognitivo da criança e suas expressões como uma forma espontânea de narrar sua percepção de mundo, nos apropriamos a pesquisa bibliográfica, levantando os principais conceitos e teóricos sobre o tema em questão. Essa atitude de indagação e de busca de construção desse panorama teórico foi fundamental para a análise e interpretação dos desenhos.

O estudo bibliográfico facilita o trabalho por trazer temas já estudados através das literaturas pertinentes no qual nos possibilitou esclarecer as questões importante para o estudo aprofundado do tema. (MARCONI e LAKATOS, 2003). Essa etapa se fez bastante importante uma vez que foi preciso buscar a episteme da aprendizagem da criança bem como o desenvolvimento para que a compreensão tanto do lado expressivo como do desenvolvimento cognitivo para que pudesse ser compreendida pelo observador.

2.3 Participantes da Pesquisa

A escola de Educação infantil da referida pesquisa atende Crianças Bem Pequena que segundo a Base Nacional Comum Curricular é a nova nomenclatura designada a turmas do Maternal da Educação Infantil que são crianças de 03 anos de idade. Também atende Crianças Pequenas, o que também é designado as turmas de I e II Período da Educação Infantil, ou seja, crianças de 04 e 05 anos de idade. É considerada uma escola de Educação Infantil de referência no município de Parintins- AM por ter uma educação centrada no desenvolvimento pleno da criança. Os participantes da pesquisa foram 01 (uma) professora da turma de 22 (vinte e duas) crianças com idade entre 4 a 5 anos. Foram escolhidas crianças desta faixa etária por estarem em processo de construção do desenho e por esta razão, os significados atribuídos nos dariam condições para interpretar as suas representações.

2.4 A Escola de Educação Infantil

A chegada até à escola foi mediada através do aplicativo de mensagens *Whatsapp*, uma vez que após várias tentativas sem sucesso para iniciar a pesquisa em algumas escolas de Educação Infantil devido um número bastante significativo de estagiários já estarem nessas escolas.

O primeiro contato foi com a gestora da referida escola da pesquisa através do aplicativo para não correr o risco de receber uma resposta negativa caso fosse presencialmente. A gestora da escola bastante atenciosa e paciente permitiu que a pesquisa fosse feita naquele local. Após isso, nos encaminhamos presencialmente para conversar com a pedagoga da escola que nos informou que as Crianças Pequenas gostavam de desenhar, isso fez com que de início tivesse a certeza que iria ser uma pesquisa satisfatória para refletir sobre a importância do desenho como instrumento de ensino e aprendizagem no contexto da educação Infantil.

A escola pertence à diocese de Parintins, e está organizada com 08 (oito) salas de aulas espaçosas que permitem a circulação e facilita uma diversidade de formas de interação. É um espaço agradável, tanto o interno quanto para realizar atividades extraclasse com as crianças, um ambiente confortável e convidativo para o convívio e para as brincadeiras.

2.5 A Pesquisa na Escola

A pesquisa foi realizada no durante o mês de março e abril na turma de crianças pequenas, ou seja, crianças de 04 e 05 anos, como já citado anteriormente. Para a aproximação

com o contexto da pesquisa, em princípio, na primeira semana, conversei com a professora da turma, antes mesmo de entrevista-la e, após informar o tema do referido projeto, a mesma fez questão de apresentar o seu trabalho, suas metodologias por meio do desenho e, em um clima descontraído apresentou-me os desenhos das crianças que estavam nas paredes da sala de aula, além de alguns portfólios mostrando alguns desenhos. A maioria dos desenhos eram orientados que são aqueles que por meio de um tema gerador, ela pedia para que as crianças desenhassem sobre o tema. Como iniciei a pesquisa no mês de março, a escola vinha trabalhando o tema “A ÁGUA”, em seguida foram os temas “A PASCOA”, “O DIA DO INDIO” e “O DIA DO LIVRO DIDÁTICO”. Posteriormente aplicamos a entrevista estruturada na qual as perguntas eram previamente determinadas afim de obter respostas no mesmo conjunto obedecendo uma sequência para obter informações sobre seu conhecimento relacionado a importância do desenho infantil. (Marconi e Lakatos, 2003, pg. 197).

Aos poucos fomos nos ambientando com as crianças em sala de aula, conhecendo a rotina e as atividades desenvolvidas em seu cotidiano. Não poderíamos nos inserir no contexto sem a adesão e a confiança das crianças. Após este estreitamento de laços é que foi feito o contato mais incisivo com a turma. A convivência permitiu que as ações da pesquisa como a roda de conversa, a fim de colher algumas informações das crianças por meio de perguntas informais do tipo: o que gostavam de desenhar? Por quê? Se acham importante desenhar?

Após a primeira semana de pesquisa as crianças elaboraram um desenho livre para que a elas pudessem expressar sua espontaneidade, uma vez que Ferreira (1998, pg. 85), afirma que “a criança pode, dessa forma, expressar suas vivências sem se preocupar com critérios estabelecidos pela sociedade”.

Após trabalhar com o desenho livre, as crianças fizeram um desenho orientado sobre o tema “A história da Páscoa” no qual a escola já vinha trabalhando esse tema com as crianças antes mesmo da pesquisa. Antes de iniciar a coleta dos desenhos, foi preparado pela gestora e pedagoga um momento de socialização conduzido no salão da escola onde apresentaram um vídeo inicial falando da quaresma e logo em seguida um outro vídeo falando da história da páscoa para que fosse possível dialogar sobre o referido tema com a intenção de que as crianças pudessem compreender o verdadeiro sentido da páscoa, uma vez que iriam participar de um ensaio geral para apresentar “a páscoa” na igreja que tinha como personagem principal Jesus Cristo representado por um aluno da referida turma.

Na semana posterior a esta, foram realizadas mais duas ocasiões de coleta de desenhos em dias distintos, utilizando assim o desenho orientado sobre um tema que estava muito presente na realidade local: “Chuva em Parintins”. Foi um período que as chuvas intensas

alagaram vários trechos da cidade e rios transbordaram causando transtornos a muitas famílias, inclusive as crianças. Sendo que o objetivo de coleta de dados era acerca do desenvolvimento cognitivo sobre os acontecimentos vivenciados sobre a forte chuva que havia caído em Parintins causando muitos alagamentos e prejuízos para algumas famílias, percebemos que isso poderia mostrar as percepções das crianças, além de seus aspectos contextuais, os aspectos conceituais expressos nos traçados gráficos.

O segundo desenho orientado, foi baseado em um trabalho feito na escola sobre o tema “Dia do índio” e o “Dia do Livro”, tema abordado na escola pelos professores e que culminaram com eventos coletivos de proporções maiores que aqueles desenvolvidos dentro da sala de aula. No pátio da escola fora realizado um evento com todas as turmas do turno vespertino onde as crianças participaram um momento de socialização sobre o tema que foi conduzido pela pedagoga, onde apresentou um mural com as imagens de indígenas avistando os navios repletos de portugueses, em seguida fora falado dos povos indígenas bem como suas culturas e tradições.

Houve a apresentação de personagens de histórias infantis e de crianças vestidas de índios, acompanhadas de músicas bem divertidas. Para que as crianças pudessem fazer o desenho orientado, foi preciso perguntar o que elas tinham entendido sobre o “ser índio” e sobre o que tinham entendido sobre a cultura indígena afim de colher dados sobre o entendimento deles sobre o tema. Alguns alunos rejeitaram-se a desenhar sobre o tema “Dia do Índio” e foram conduzidos a desenhar sobre o entendimento deles com relação a importância do livro didático para também analisar o desenvolvimento deles acerca do tema.

Para a análise de dados, selecionamos 06 de 64 desenhos feitos pelas crianças, ou seja, não serão interpretados todos os desenhos coletados, mas organizamos de modo a contemplarmos 06 desenhos entre dirigidos e livres, a seleção se deu em razão da legibilidade, uma vez que os traçados das crianças no papel não apresenta uma nitidez possível para passar para o papel e daqueles que apresentaram mais elementos para ajudar na interpretação. Os nomes das crianças estão designados por: Criança A, Criança B, Criança C até Criança J. São crianças, que ao desenhar, forneceram mais elementos que nos permitiu interpretar e realizar uma análise mais significativa para aquilo que este estudo se propunha.

CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

3.1 As Rodas de Conversa e as Entrevistas

Nossas interpretações e análises não seguirão uma ordem hierárquica das etapas dadas por Piaget ou Vygotsky, afinal este não é nosso intento, estamos apresentando de forma independente aspectos do desenho infantil que nos deem condições de mostrar a importância do desenho para o desenvolvimento das crianças. Para dar mais significados às representações das crianças expressas por meio do desenho, foi necessário revisitar as teorias estudadas e perceber nas suas representações e seus propósitos. Assim, os desenhos foram o ponto de partida para interpretarmos o pensamento evolutivo das crianças, buscando os indícios para analisar como o desenvolvimento cognitivo se apresenta e como evolui por intermédio do desenho.

Para se chegar a estas interpretações dos desenhos das Crianças Pequenas (04 e 05 anos), foi preciso conhecer as diferentes perspectivas teóricas sobre o processo evolutivo do desenho como instrumento expressivo e cognitivo da criança, uma vez que por estarem praticamente na mesma faixa etária de 4 a 5 anos de idade, elas não apresentavam o mesmo estágio de desenvolvimento do desenho, pois é possível observar na análise que existem várias etapas de desenhos de crianças com a mesma idade. Segundo Vygotsky (1991), embora as crianças tenham idades aproximadas, seus processos de desenvolvimento têm a ver com as suas experiências e vivências no contexto socio-histórico, portanto elas vivem em ambientes diferentes, e possuem representações simbólicas diferentes umas das outras.

Apesar de serem crianças com o desenvolvimento distintos uma da outra, algo elas possuem em comum: o gosto pelo desenho. Isso é um fator que nos fez refletir sobre a importância do desenho para o desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças da Educação Infantil. (PEREIRA, 2016)

Os desenhos das crianças foram feitos mediante a interação que estabelecíamos com elas em sala de aula. Nessa mesma ocasião, interagíamos por meio de rodas de conversa e formulávamos perguntas tanto às crianças como posteriormente à professora. As perguntas feitas às crianças eram para conhecer seus gostos e se achavam importante desenhar. Também o que elas mais gostavam de desenhar; se gostavam de fazer desenhos da própria imaginação ou aqueles que a professora pedia para elas fazerem; se eles desenhavam em outro lugar além da escola e se eles costumavam comentar com alguém sobre os desenhos que elas faziam.

As respostas foram coletivas, como: desenhar é importante porque é legal e porque faz bem. Outros disseram que gostavam de desenhar a mãe e a família. Outras que gostavam de fazer o arco-íris; o robô, etc. A respeito da forma que mais apreciavam desenhar, apontaram que era de forma livre e além da escola elas também desenhavam em casa, algumas desenhavam com seus irmãos e outras desenhavam sozinhas, mas o lugar que a grande maioria das crianças desenhavam é na escola a pedido da professora. Elas informaram que costumam comentar o desenho livre com a professora e com os coleguinhas da sala.

A professora, por sua vez, trabalha o desenho orientado com as crianças, exemplo disso são os desenhos que as crianças assimilam e relacionam em suas atividades de desenho. Durante a entrevista com a professora, ela informou que a escola trabalha com temas geradores como já havia citado acima, como por exemplo “O Dia da Água”; “O Dia das Mães”; “Dia da Árvore”; entre outros e isso faz com que ela faça seu planejamento baseando-se nisso. Durante a conversa descontraída com a professora, nos portfólios que ela havia me apresentado continham muitos desenhos produzidos de temas que as crianças assimilavam e desenhavam.

Entretanto, ela informou na entrevista que sempre que pode, trabalha também desenhos livres e que os alunos aprendem muito ao desenhar, sendo possível perceber isso a cada atividade em que eles apresentam, seja por sua espontaneidade e ou uma forma de desenhar mais elaborada: “-As crianças a cada aula pintam melhor, fazem traços diferentes da atividade anterior e sempre comentam sobre o desenho. Elas adoram desenhar. Principalmente a família!”.

Tudo o que a professora expressa corresponde com o que observamos em sala de aula, a euforia das crianças nas rodas de conversa para se pronunciarem sobre seus desenhos, a socialização de seus desenhos expressando aquilo que nós não saberíamos compreender apenas observando. A roda era essa ocasião em que buscávamos coletar mais detalhes sobre seus desenhos, suas intenções. Essas informações foram anotadas em cadernos de campo, relacionados a cada sujeito a fim de não implicar nos registros das crianças.

3.2 Os Desenhos das Crianças

Conforme já anunciamos na introdução, as perspectivas de análise têm como fundamento as bases teóricas de Piaget (1989) e Vygotsky (1993). Porém, para que os objetivos de pesquisa pudessem ser cumpridos, tomamos as elaborações teóricas piagetianas para apontar aspectos do desenvolvimento cognitivo, mais particularmente, o desenvolvimento do

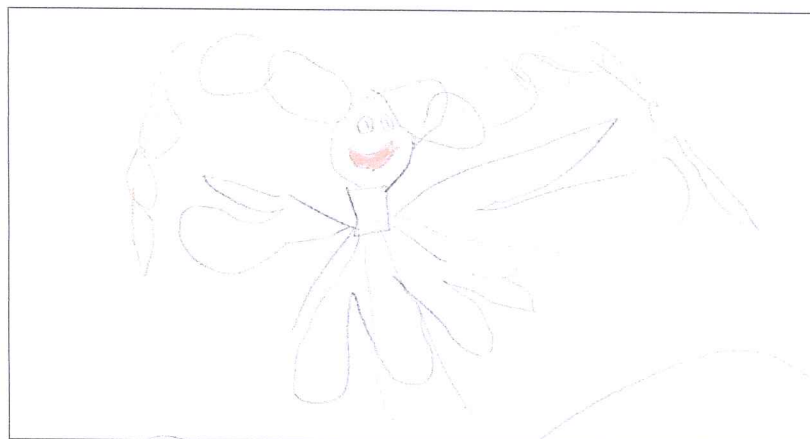
pensamento e da linguagem expresso nos desenhos das crianças. Para este teórico há uma relação estreita entre a expressão do desenho simbólico enquanto representação do pensamento.

Já a abordagem Vygotskiana foi “pano de fundo” para a interpretação fenomenológica do desenho em si enquanto constructo mental que reflete a capacidade comunicativa e expressiva da criança. Assim, nos propusemos a interpretar os desenhos do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo nos pressupostos piagetianos e as interpretações dos aspectos expressivos, das formas de comunicação, nos pressupostos vygotskyanos. Essa opção se deu em razão de uma necessidade de tornar mais didática as nossas análises, mas estão entrelaçadas e diluídas em nossas interpretações.

Becker (2011), citando Piaget, estabelece dois níveis diferentes para explicar o que é representação: representação conceitual e representação simbólica. Por representação conceitual, este teórico destaca que é muito comum se confundir esse tipo de representação com o pensamento, num sentido mais amplo. Já a representação simbólica seria mais específica e menos abrangente, ou seja, fatos mais isolados como se fossem imagens mentais que remetem a lembranças simbólicas.

Essas representações simbólicas são como lembranças que se formam a partir da imagem daquilo que está ausente, essas imagens se inspiram na realidade concreta. Na prática, segundo Piaget, essas duas formas de representação se relacionam, afinal o desenho da criança é sempre um símbolo concreto, ou seja, ao representar algo, a criança sempre o faz tomando como referência a realidade, embora o desenho não seja meramente a impressão gráfica do pensamento. No desenho a seguir, foi solicitado que desenhasse livremente a Criança A que tem 04 anos representou uma fada.

Desenho 1: A fada



Fonte: Dados coletados durante a pesquisa, 2022.

O desenho acima expressa bem essa ideia que Piaget (1989) nos apresenta de que a criança desenha o que ela pensa e não propriamente o que ela vê, neste caso “a fada” é uma representação de algo que povoa seu imaginário. Cada traço que ela desenha, tende a convergir para o centro do papel e deste ponto ela irradia seus contornos e expande asas e braços, sempre a partir do tronco.

Percebemos que ao desenhar os cabelos ela o faz em forma de novelos que se encadeiam e formam correntes como uma longa trança, ou seja, os elementos que compõem o desenho não ficam dispersos no papel, a figura humana (fada) começa a ganhar contornos, porém ao passo que ela tenta compor uma cena, não é possível concluir uma ideia acerca da cena, ficando apenas representada a fada com aspectos pertinentes a representação do humano. Há nesse sentido, um esforço para estabelecer padrões compatíveis com o autocontrole de suas ações, movimentos estes necessários para o desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Segundo Piaget (1978), imagem (concreto) e pensamento (abstrato) se relacionam entre si, afinal o pensamento é uma espécie de “invólucro” das imagens, isto é, ele acompanha as imagens. Portanto, segundo Piaget (1971, p.87) “se pensar consiste em interligar significações, a imagem será um ‘significante’ e o conceito, um ‘significado’”.

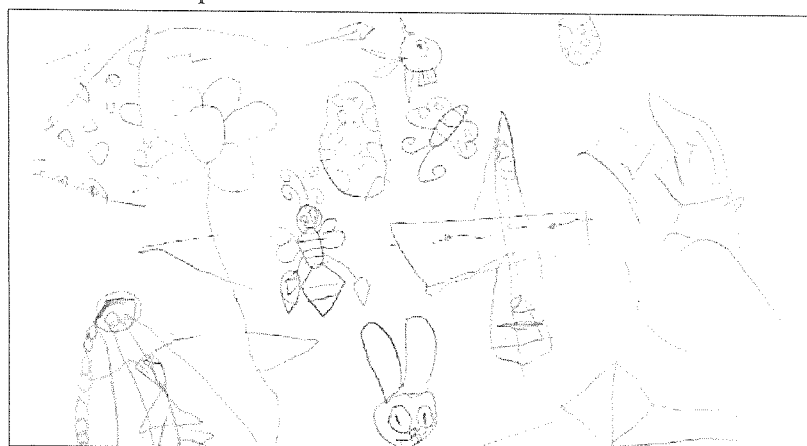
Nessa relação significante/significado, Piaget (1989) deixa claro a importância que a função simbólica (significado) exerce na construção da linguagem (significado). Na reflexão proposta por Piaget, a aquisição da linguagem se acha subordinada à função simbólica, que por sua vez depende tanto da imitação e do jogo quanto de mecanismos verbais. É aqui que o desenho se

Assim ao desenhar a criança está construindo conceitos que variam em níveis de abstração, mas qualquer que seja o desenho, há intencionalidade por trás, há um desejo impregnando a ação. Cada traço, por mais “insignificante” que possa parecer aos olhos “desavisados” dos adultos, vem daquilo que a criança sabe e não necessariamente daquilo que ela vê. Logo, o desenho é um fabuloso instrumento para que o professor conheça e compreenda os processos de pensamento da criança.

Essa assertiva de Piaget (1971), nos conduz a pensar que ao desenhar, a criança está a elaborar e a manejar conceitualmente a imagem que deposita no papel (significante), isto é, o desenho da criança é, em última instância o resultado de um amplo processo de elaboração e reelaboração mental que vai se consolidando e estruturando o pensamento mais abstrato, a qual possibilita à criança reconstruir em pensamento um objeto ausente por meio de um símbolo ou signo.

O desenho dirigido abaixo se originou a partir do tema abordado amplamente em um evento promovido pela escola. Nele as figuras estão distribuídas aleatoriamente e ocupam toda a extensão da folha de papel. Não há uma base delimitando o céu e nem o chão, algo que aparecerá mais para a frente. Porém já demonstra intencionalidade e aspectos do realismo que mais tarde irá se consolidar.

Desenho 2 – A páscoa



Fonte: Dados coletados durante a pesquisa, 2022.

Neste desenho, a Criança B de 04 anos representar “A páscoa” a partir dos símbolos que ela conseguiu perceber durante a apresentação na escola. Podemos perceber que ela assimilou Jesus pregado na cruz, Maria, sua mãe, próximo a ele chorando, o sepulcro é representado por uma caverna aonde Jesus foi colocado e, um detalhe nos chamou a atenção, pois até as marcas do prego, nas mãos é possível notar em seu desenho. Observamos que ela acrescenta outros elementos à cena, estes fazem parte de construções mentais com base em suas vivências e, mesmo que a Páscoa abordada na escola não incluía elementos como o coelho e o ovo de páscoa, estes aparecem na sua composição, pois ela não representa só o que vê, mas o que ela sabe sobre o tema. (PILLAR, 2012).

Uma cena que nos chamou a atenção no desenho acima, foi a forma de representação da linguagem utilizada pela professora ao explicar o tema, ela falava de um raio de luz que consumia Jesus ao ressurgir. Porém como essa palavra ainda não fazia parte do repertório da criança, ela habilidosamente aplica uma versão com base em eventos que ela conhece. Assim, a palavra “raio” foi compreendida como “raia” nas palavras da criança: “*a raia que comeu Jesus e transformou ele em um cristal*”.

Esta forma de pensar e expressar seus pensamentos são frutos um jogo simbólico construído a partir de determinados objetos que a criança percebeu o significado e relacionou com o desenho da páscoa. Isso mostra que seu desenvolvimento cognitivo e expressivo se faz e refaz a partir dos significados que ela atribui àquilo que ouve, vê e percebe do mundo. Para Figueiredo e Albuquerque (2019) em tudo o que dizem há uma lógica irradiadora de suas experiências mais íntimas, que ao confrontá-la com em suas expressões, buscam incessante por acomodar às suas experiências.

O desenho abaixo é um desenho livre gerado a partir de uma conversa com as crianças. A Criança C com 05 anos de idade se propôs a desenhar um robô, para isso ela se utiliza da figura humana como base, o que nos leva a perceber que se trata de um robô é a forma do seu antebraço aberto, os traços retos e postura como se estivesse fazendo um movimento de rotação. Seus antebraços mais largos que o restante do braço aparentando uma peça mais pesada que as demais. Essa representação simbólica do robô pode ter tido origem em imagens cinematográficas que fazem parte do cotidiano de muitas crianças.

Desenho 3 – Desenho Livre “o robô”.



Fonte: Dados coletados durante a pesquisa, 2022.

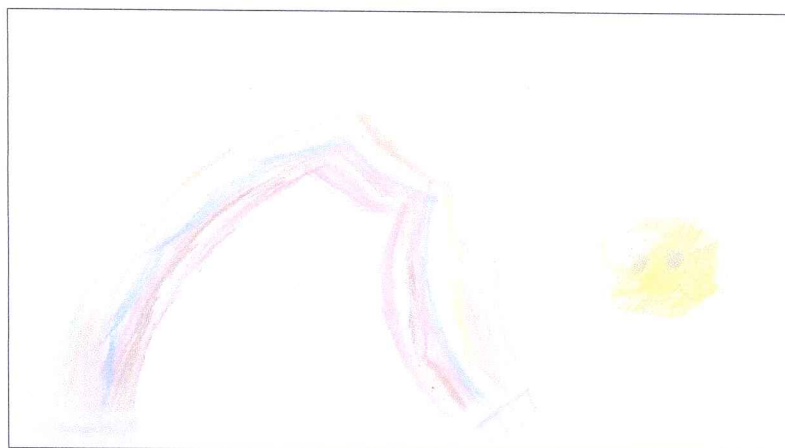
Junto com a imagem gráfica do robô, é notável um arco-íris e um sol definindo as linhas de cima e de baixo da folha de papel, os cabelos espetados da figura “humana” e do sol se assemelham, assim como pés e a mãos espalmadas e também apresenta alongamentos, isso acontece a partir dos 05 anos. Segundo Pillar (2012), citando Piaget é uma fase pré-esquemática e a reprodução busca aproximação com a realidade, varia as cores e diz-se, que este é o apogeu do desenho, pois envolve aspectos cognitivos complexos onde a criança inicia um processo de tentativa de representar os tamanhos das figuras proporcionalmente.

O arco-íris parece estar definindo o céu e, ao contrário do desenho anterior em que os desenhos aparecem ora distribuídos, ora justapostos, mas sem conexão entre eles, o robô está afixado com seus pés no chão e dialoga com os demais elementos. Observem que as cores já se aproximam da realidade e a figura humana (robô) ganha mais detalhes que em estágios anteriores (desenho 2).

No que diz respeito ao aspecto expressivo das crianças, segundo Vygotsky (1983), essa é a fase dos bonecos que representam de modo resumido a figura humana, ou seja, um desenho esquemático mais detalhado. Embora este teórico não se preocupe em determinar a idade, ele aponta que nessa etapa há maior controle dos gestos e a criança já tem intencionalidades ao comunicar por meio do desenho, ou seja, ela cria enredos para dar sentido às suas produções de modo mais coerente, mais lógico, isso foi percebido nas rodas de conversa, ocasião em que faziam suas explanações sobre o desenho. Neste sentido o desenho dessa criança nada mais é do que fruto de um pensamento socializado que de acordo com Vygotsky (1989), a aprendizagem da criança depende da relação com o meio e a partir disso a criança associou ao abstrato suas representações.

No desenho a seguir fica aparente aspectos da antropomorfização, em que se emprestam características humanas a elementos da natureza, neste caso o sol aparece com cabelos espetados e se irradiam formando os raios, acrescenta-se a isso os olhos avantajados, resguardando essas semelhanças entre o humano e seres inanimados (sol). Para Piaget (1986), essa etapa caracteriza-se pela tendência de a criança animar, ou dar vida a objetos ou astros da natureza e deve se estender até por volta dos 07 anos.

Desenho 4 – Desenho livre “arco-íris”.



Fonte: Dados coletados durante a pesquisa, 2022.

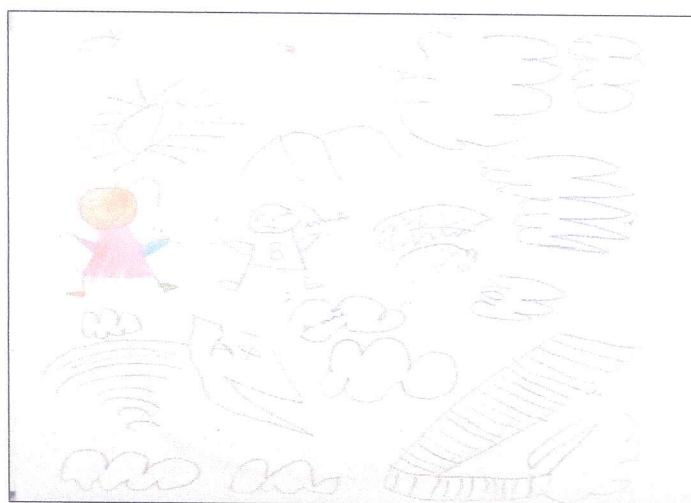
Como havíamos citado mais acima, algumas crianças possuem uma representação simbólica da imagem do arco-íris como é o caso da Criança D de 4 anos no qual expressou

enquanto desenhava ter medo de trovão. Isso está relacionado ao dia em que teve uma forte chuva em Parintins onde ouvia-se barulhos de trovão, a criança por sua vez associou esse elemento com o arco-íris apresentado pela professora em uma ocasião anterior onde tratava do “dia da água”.

Nesse desenho podemos perceber uma etapa pré-operatória onde Piaget (1985), cita em relacionar desenho, pensamento e objeto. Aqui a criança não desenha mais por desenhar, já consegue pensar em um objeto dando significações para ele. Embora a criança consiga relacionar o pensamento com o objeto no desenho, sua representação pode não significar aquilo que pretendeu colocar no papel, mas sua fala interna diz muito a respeito do seu desenho, bem como a expressão daquilo que desenhou, ou seja, ela se apoia na linguagem oral para criar um enredo que dê sustentação àquilo que representou. (VYGOTSKY, 1989).

O próximo desenho partiu de um tema gerador, neste caso houve uma chuva torrencial com alagamento na cidade e nós conversamos nas rodas sobre este acontecimento. Daí surgiu a proposta de desenho a respeito de suas percepções e sentimentos.

Desenho 5 – Desenho livre “A família”



Fonte: Dados coletados durante a pesquisa, 2022.

Neste desenho “A família” a Criança E de 05 anos está representando sua família, cujos membros constam: seu pai (a única imagem pintada) e seu irmão. Nessa etapa, Piaget (1982) aponta que há o surgimento do desenho com os vínculos emocionais, sobrepondo-se aos vínculos espaciais. Wallon (1995) também fala sobre o vínculo emocional marcado por uma elevada importância afetiva/emocional entre o adulto e a criança, ou seja, certamente o pai dessa criança representa a figura mais importante emocionalmente para ela. Quanto às questões espaciais, observamos que a organização e disposição das figuras humana estão distribuídas de

modo aleatório, fugindo do realismo, pois as nuvens aparecem sob os pés, embora outras nuvens e montanhas disputem espaço com o sol no céu. Também é possível chamar a atenção para as roupas, detalhes estes que são importantes, embora o tronco se confunda com as vestes e de lá saiam os membros inferiores e superiores. Diferente daquela etapa de movimentos globais onde os gestos se confundiam com os traçados, aqui às inscrições feitas pelas crianças no papel têm significados com base na realidade e não apenas em seus gestos.

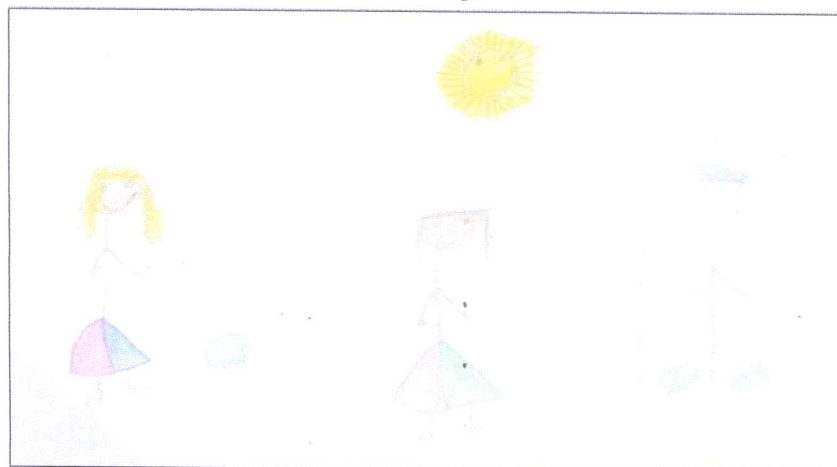
É possível perceber duas letras (A e X) em um desenho em forma de quadrado pontiagudo, essas letras representam o nome do pai (A=Antônio) e da mãe (X=Sônia), levando em consideração que o desenho ajuda no desenvolvimento da escrita e que esta criança está tentando representar esses nomes com os signos gráficos.

Tal atitude pode revelar ainda uma recusa da criança em aceitar que seu desenho seja suficiente para identificar os objetos em cena. Isso decorre de uma prática recorrente na Educação Infantil, quando o professor ou professora tende a rabiscar sobre o desenho das crianças deslegitimando o que a criança desenhou e legitimando a escrita como forma exemplar e mais importante de registro.

Esses conceitos que a criança apresenta em seu desenho certamente é fruto das suas interações na qual chamo a atenção para o desenho da estrela, uma vez que essa imagem pode ter sido estruturada por ela em determinado momento das suas vivências, como por exemplo a cauda longitudinal e os traços procurando chegar o mais próximo do real conforme a imagem simbólica a apresentou.

No desenho a seguir, pedimos que desenhassem livremente o que quisessem ou viesse a sua mente, apenas fornecemos papel e lápis de cores variadas.

Desenho 6 – Desenho livre “Os amigos”



Fonte: Dados coletados durante a pesquisa, 2022.

Aqui, a Criança F de 04 anos de idade desenhou figuras humanas para representar sua amiga, ela e seu irmão brincando de bola. Neste desenho, a criança desenha alinhando os personagens e acima delas, aparece o sol com aspectos do animismo. O fato de alinhar as figuras, já demonstra um conhecimento importante, pois as figuras já não estão flutuantes. É um desenho típico da etapa simbólica que segundo Oliveira (2002, p.26) “é um processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação”, ou seja, ao envolver seu irmão com um círculo ela quer expressar a forma como seu irmão age quando não compartilha a bola com elas, por esse motivo o retângulo desenhado ao redor dele. Através desse desenho a criança expressou seu conflito, que foi resolvido com o desenho de uma bola só para elas brincarem.

Para Luquet (1969), o desenho é um modelo interno e não a imagem visual do objeto, podemos perceber exatamente esses fatores, de forma peculiar em cada desenho, onde a criança, ao desenhar o objeto expressa sua forma real, porém acrescenta traços nos objetos que têm coerência com a sua expressividade, ou seja, com o que elas querem representar. Para o autor “o gesto é também o signo visual que contém a futura escrita da criança: os gestos são a escrita no ar e os signos escritos são gestos que foram fixados”. (LUQUET, 1969 p.121).

Assim se por um lado, o gesto é o registro corporal de um desejo ou de uma intenção, por outro, o desenho e a escrita são gestos que se fixaram no papel. Gestos inicialmente sem função definida, mas que, aos poucos, vão ganhando intenção e significado nos grafismos que produz. Esses foram os desenhos escolhidos para a análise de dados, cada um com sua particularidade, mostrando que é possível desenvolver o cognitivo e o expressivo das crianças da Educação Infantil de forma prazerosa, pois o desenho é algo que nunca sairá de moda enquanto estratégia de ensino.

CONCLUSÃO

O desenho é a primeira marca concreta que a criança deixa no mundo, por isso esse trabalho se constitui um importante instrumento para a reflexão e fio condutor para um entendimento mais aprofundado sobre o desenho, como forma de desenvolvimento expressivo e cognitivo da criança. Sabemos que ao desenhar a criança aprende a coordenar gestos e pensamento, sabemos ainda que há muito que se conhecer sobre esse fenômeno, principalmente na Educação Infantil.

O desenho tem sido negligenciado quando a escola aborda o tema como uma forma de manter a criança ocupada ou como um passatempo. Ao desenhar a criança elabora pensamentos que estão em sua estrutura cognitiva e se mostraram como possibilidades de ampliar o uso da imaginação, da criatividade durante as atividades.

Os desenhos coletados e aqui interpretados são indícios que nos conduzem para consolidar a importância de se conhecer, interpretar e compreender, tanto o processo evolutivo cognitivo quanto expressivo das crianças. Pois ao colocarmos os desenhos das crianças como centro de nossos interesses de análise, pudemos apontar uma série de informações sobre o desenvolvimento das crianças seja cognitivo ou expressivo, tais como:

- A criança desenha o que ela pensa e não propriamente o que ela vê, então há que se ter cuidado ao impor um modo de representar às crianças;
- Ao desenhar a criança está construindo conceitos que variam em níveis de abstração, mas qualquer que seja o desenho, há intencionalidade por trás, há um desejo impregnando a ação, por isso é necessário respeitar estas etapas, ao mesmo tempo propor novos desafios para que ela seja encorajada a avançar;
- Mesmo em situações controladas, ela acrescenta outros elementos à cena, estes fazem parte de construções mentais com base em suas vivências, por isso, o professor precisa se valer menos de modelos e mais de estratégias diversificadas para trabalhar com o desenho;
- As cores e os detalhes vão sendo gradativamente se aproximando da realidade, deste modo é imprescindível não limitar a escolha das crianças àquilo que o professor considera real, por exemplo: a cor da árvore nem sempre é marrom com a copa verde;
- A organização e disposição espacial estão relacionadas não apenas com a posição dos objetos, tampouco com as dimensões físicas, mas envolvem aspectos emocionais, fugindo do realismo, neste caso o professor ou professora

devem ficar atentos ao que querem comunicar, sem criar suposições estereotipadas;

- Ao desenhar objetos em determinada etapa, elas emprestam características humanas a elementos da natureza, essa tendência, muitas vezes é vista com preconceitos por parte de quem não compreende, isso leva a colocar as crianças em situações vexatórias ao indagar: Sol te olhos? Ou ainda...as nuvens têm boca?.
- As primeiras representações da figura humana revelam conceitos complexos que estão presentes, aspectos motores, emocionais e cognitivos, por isso é necessário estimular esse tipo de representação gráfica. Estimular essa atividade ajuda no desenvolvimento intelectual e expressivo delas, além disso permite que elas pensem suas relações consigo, com o outro e com o mundo.

Diante dessas constatações é imprescindível olhar para a realidade pedagógica na E. I como fonte de conhecimento e possibilidade de desenvolvimento das capacidades intelectuais da criança. Quando o professor ou professora reconhece esses aspectos nos desenhos das crianças, poderá refletir em mudanças em práticas estereotipadas que se impõem sobre a criança e que não consideram suas formas de comunicação e seu desenvolvimento. Assim o desenho é mais que uma representação motora do real, é também uma transcendência interior que diz muito sobre o que a criança pensa e como ela expressa seu pensamento.

Percebemos durante a pesquisa, que elas gostam de se expressar, esse é um fator que contribui para a sua evolução motora e cognitiva, uma vez que o pensamento se relaciona com a fala e esses contribuem para a aprendizagem. É importante os professores estimularem as crianças a expressarem seus pensamentos, pois o desenvolvimento de suas capacidades motoras, cognitivas e expressivas se manifestam quando acontecem estímulos que as potencializem

Neste sentido, os desenhos das crianças são como uma “caixinha de surpresas” que apresentaram o que de mais valioso elas possuem, sua essência, seus sentimentos, suas emoções. É como caminhar por entre um mundo de fantasias que se junta com sua realidade e cabe ao profissional saber interpretar seus significados.

Particularmente o desenho livre se mostrou um ponto importante neste trabalho, pois nos forneceu elementos mais fidedignos dos nossos propósitos de análise do pensamento e das formas de expressão por meio do desenho, afinal, a criança era encorajada a mostrar o que pensa e como pensa com autonomia.

Sendo assim, o desenho é muito importante para o desenvolvimento cognitivo e expressivo das crianças na Educação Infantil, uma vez que por meio dele a criança expressa sua forma de pensamento e representações de suas vivências e experiências. É também um caminho promissor para que a escrita seja desenvolvida, pois antes de escrever a criança desenha as letras, isso é um processo que ajuda em sua alfabetização.

Além de ser um potencializador da inteligência da criança que por meio de sua imaginação criativa que vai se desenvolvendo e adquirindo no decorrer da Educação Infantil condições para que possa resolver as situações cotidianas que o professor pode estar estimulando através de atividades perceptivas para que a criança possa produzir e aprimorar suas formas expressivas no desenho.

Portanto nos desenhos das crianças aqui analisados podemos perceber uma série de informações sobre desenvolvimento cognitivo e expressivo delas e a forma como a professora em sala abordar o tema, se constituirá ou não em fonte de informação e de novas formas de intervenção que permitam ampliar as suas capacidades expressivas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Suely Aparecida. Estágio categorial. In: MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. (Org.) **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 51-58.
- ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção psicopedagógica**. V 18, n 17, pág. 20-41, 2010.
- AMADO, João. **Manual de investigação qualitativa em educação**. 2, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014
- ANDRADE, Luci Carlos de. **O desenho como expressão no aprendizado infantil: caminhos e possibilidade**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande – MS, 2005.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: MEC, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BECKER, Fernando, apud Piaget. **O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da ação à operação** – 2. Ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2011.
- BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAG, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. Pág. 32. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- DERDYK, E. **Formas de Pensar o Desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- FASSINA, MK. **Desenhção: um estudo sobre o desenho infantil como fonte de múltiplas possibilidades no Ensino Fundamental**. Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo3/anais/Marice%20Fassina.pdf>. Acesso em: 01/09/2012.
- FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. São Paulo: Papyrus, 1998
- FIGUEIREDO, Ângela Maria Rodrigues de. **O que pensam as crianças?** – Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.
- GALVÃO, Alineia Ribeira Moreira Lima. **Os Estágios Do Desenvolvimento Infantil e Suas Relações com a Criação do desenho**. Goiânia, 2021.
- LAKATOS, Eva Mari; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2003.
- LIMA, Elvira Souza; LIMA, Marcelo Guimarães. Neurociência na educação infantil: o significado do ato de desenhar. *Revista Paidéia, n20*. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 13 n. 20 p. 01-167 jul./dez. 2018.
- LUQUET, Georgi Henri. **O desenho infantil**. Porto: Ed. Do Minho, 1969.
- MELO, Luciana Santos. **O desenho infantil e suas etapas de evolução**. Obtido de <[https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_2](https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_2.pdf)>.pdf, 2016.
- MELLO, S. A. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural** *Perspectiva*, Florianópolis. v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/1630/1371>

MERLEAU-PONTY, Maurice. (1980a). **A linguagem indireta e as vozes do silêncio**. In M. Chauí (Org.), Merleau-Ponty (pp. 141-175). São Paulo: Abril Cultural. 1908-1961. Textos escolhidos/Maurice Merleau-Ponty; Seleção de textos de Marilena Chauí, Nelson Alfredo Aguiar, Pedro de Souza Moraes – 2. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores) **A Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MULLER, Marcos José. Merleau-Ponty: acerca da expressão/Marcos José Muller. Coleção Filosofia, 22-Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001

PEREIRA, Ana Catarina. **A importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim de infância**. Universidade do Algarve - Escola superior de educação e comunicação. 2016.

PIAGET, Jean [1972b]. **Problemas de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. Porto Alegre: Martins Fontes, 1989.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PIAGET, Jean; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difel, 1985

VIEIRA, Therezinha Dias, A e Oiticica, C.M. (2014) Piaget, J. A. Formação do símbolo na criança. Imitação, jogo, sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro, LTC (original 1964). Boletim Academia Paulista de Psicologia, vol. 35, núm. 88, Janeiro-junio, 2015, pp. 237- 240. Academia Paulista de Psicologia. São Paulo, Brasil

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. In: VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6 ed. Michael Cole et. al. (Orgs.). Tradução de José Cipolla Netto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Capítulo. 6) (Psicologia e Pedagogia). p. 103-119.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. Martins Fontes, 1993.

WALLON, Henry. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.